



UM BEBÊ MUITO DIFERENTE DO IMAGINADO: REPERCUSSÕES DO DIAGNÓSTICO DE ENCEFALOPATIA NO BEBÊ SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PARENTALIDADE

Eixo Horizontal: EH3: SUBJETIVIDADE, SOFRIMENTO E URGÊNCIA SUBJETIVA

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Lívia Mariane de Sousa Schechter; Sílvia Maria Abu-Jamra Zornig;

O diagnóstico médico de que um bebê possui encefalopatia crônica não-progressiva, mais conhecida como paralisia cerebral, convoca os pais à elaboração de uma experiência no limite do inassimilável. Ainda que a lesão neurológica possa se apresentar com diferentes graus de prejuízo ao desenvolvimento da criança, são os casos mais graves, que afetam não apenas as funções motoras, como também as capacidades sensoriais e o desenvolvimento cognitivo e da linguagem, que chamam nossa atenção. O objetivo deste trabalho, que se insere em uma pesquisa de doutorado em andamento, é discutir as repercussões do diagnóstico de encefalopatia no bebê sobre a experiência da parentalidade, guardadas as especificidades entre a maternidade e a paternidade. Partimos do referencial teórico da psicanálise para discutir os impactos desse diagnóstico sobre o psiquismo dos pais, bem como as modalidades de investimento parental sobre o bebê que se constituem nesse contexto. Baseando-nos na ideia de que os pais investem narcisicamente em seu bebê ao projetarem sobre ele expectativas de continuidade e reparação de seu próprio narcisismo, discutimos como a confrontação com a encefalopatia infantil coloca em questão a constituição do investimento parental sobre a criança. Buscamos ainda indicar como a angústia desencadeada por tal condição exige um intenso trabalho psíquico por parte dos pais, podendo atualizar experiências de ordem traumática da história parental. A partir das contribuições de diversos autores da psicanálise, o choque do diagnóstico é analisado em seus efeitos de fratura do ideal que o bebê deveria encarnar para os pais e de ruptura nos laços de filiação, pela dificuldade de inscrever a criança na cadeia geracional. Seguindo as indagações de Simone Korff-Sausse, questionamos os limites possíveis ao trabalho de luto da criança idealizada em prol da criança real com deficiência, comumente exigido desses pais. Finalmente, trazemos as contribuições de Alberto Ciccone sobre as fantasias de transmissão para pensar um modo possível de sutura da ruptura imposta pela filiação traumática. A discussão teórica então apresentada será articulada a fragmentos clínicos oriundos de entrevistas realizadas ao longo da pesquisa de doutorado, bem como de trabalho em contexto hospitalar em período anterior.